

## **ENEF: UM ESTUDO DOS LIVROS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

### **ENEF: A STUDY OF THE FINANCIAL EDUCATION BOOKS OF THE FINAL GRADES OF FUNDAMENTAL EDUCATION**

**Glauciane da Silva Vieira**

vieira.0318@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

<https://orcid.org/0000-0001-8879-9950>

**Fabiana Gomes da Silva**

fabianaeducacao417@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

<https://orcid.org/0000-0001-9332-073X>

**Cristiane Azêvedo dos Santos Pessoa**

cristianepessoa74@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

<http://orcid.org/0000-0002-5434-8999>

#### **Resumo**

Este artigo é fruto de um estudo que analisou os *Livros de Educação Financeira nas Escolas* para os anos finais do Ensino Fundamental, material desenvolvido pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em parceria com o Ministério da Educação (MEC). O método utilizado foi a análise documental nos quatro livros, 6º, 7º, 8º e 9º anos, nos quais foram analisadas as atividades, segundo os ambientes de aprendizagens de Skovsmose (2014), se o trabalho desenvolvido pelo livro acontece de forma transversal e quais conceitos de Educação Financeira estão presentes no material. Os resultados apontam que das 88 atividades analisadas, 100% apresentam potencial para cenários para investigação. Do total, 81,8% fazem referência a uma semirrealidade e 18,2% fazem referência à vida real. Os dados ainda indicam que há nos livros uma interdisciplinaridade e transversalidade do tema, podendo associar o trabalho dos conteúdos e áreas do conhecimento ao trabalho com a Educação Financeira. Concluímos que os livros apresentam um potencial para um trabalho investigativo, pois as atividades a serem realizadas individualmente e em grupo, de um modo geral, solicitam um posicionamento crítico sobre diversas situações e conceitos de EF, tais como tomada de decisão, sustentabilidade, querer versus necessitar, planejamento, orçamento, imprevisto financeiro e investimento, o que consideramos positivo.

**Palavras-Chave:** ENEF. Educação Financeira nas Escolas. Anos Finais do Ensino Fundamental. Livros Didáticos.

#### **Abstract**

This article is the result of a study that analyzed the Financial Education Books in Schools for the final grades Fundamental Education, material developed by The National Financial Education Strategy

(ENEF) in partnership with the Ministry of Education (MEC). The method used was the document analysis of the four books, 6th, 7th, 8th and 9th grades, the activities were analyzed, according to the learning environments of Skovsmose (2014), verifying if the work developed by the book happens in a transversal way and which Financial Education concepts are present in the material. The results show that of 88 activities examined, 100% have potential for scenarios for investigation. Of the total, 81.8% refer to semi-reality 18.2% refer to real life. The data also indicate that there is an interdisciplinary and transversal theme in the books, being able to associate the work of the contents and areas of knowledge with the work with Financial Education. It was concluded that the books present a potential for investigative work, the activities to be done individually and in groups, in general, demand a critical positioning on different situations and concepts of FE, such as taking decision, sustainability, want versus need, planning, budget, financial unforeseen and investment. This was considered positive characteristic.

Key words: ENEF. Financial Education in Schools. Final Grade of Fundamental Education. Didactic books.

## **Introdução**

No Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) é uma política pública, instituída em 2010 pelo Governo Federal, por meio do decreto 7.397/2010, para fomentar a discussão e o ensino da educação financeira para a população em todo o território nacional, com iniciativas que incluem materiais didáticos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), aprender sobre a educação financeira dentro da sala de aula “é fundamental para o fortalecimento da cidadania. Ao estar ambientado com o assunto, o aluno se torna mais consciente sobre a importância de tomar decisões acertadas sobre finanças e consumo” (BRASIL, 2019, p. 7).

Nessa perspectiva, a educação financeira (EF) representa um caminho que fornece subsídios para que as pessoas consigam desenvolver um comportamento crítico frente às suas finanças. No nosso país, o interesse em desenvolver uma estratégia para o desenvolvimento de uma educação financeira tem suas raízes nas recomendações da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que desde 2003 vem atuando junto a diversos países-membros e associados com o intuito de promover iniciativas voltadas para a implantação da EF como uma política pública de caráter permanente.

De acordo com o que é divulgado pela Organização, o objetivo é desenvolver práticas de educação e conscientização que promovam o letramento financeiro, contribuindo com o desenvolvimento socioeconômico e o bem estar das pessoas no mundo. Tais ações, de acordo com a OCDE, podem ser desenvolvidas por órgãos públicos e privados, de modo a proporcionar melhores ações para a educação financeira nos diferentes países, pois “boas habilidades de

letramento financeiro permitiriam que os indivíduos tomassem decisões mais bem informadas em um mercado financeiro cada vez mais complexo” (OCDE, 2013, p. 141).

Não obstante desse contexto, a ENEF tem como objetivo “contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes” (BRASIL, 2017, p. 13). Para isso, ao longo dos seus dez anos, vem desenvolvendo programas e projetos<sup>1</sup> que visam a atender crianças, jovens e adultos, difundindo uma cultura de EF no país.

Entre esses projetos, está a criação dos Livros de Educação Financeira para as etapas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Estes livros fazem parte do Programa Educação Financeira nas Escolas e foram elaborados em uma parceria entre a Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBOVESPA) com o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP) do Ministério da Educação, que assessora o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) e publicados em 2014. Segundo o que é apresentado pela ENEF, tais materiais focam na aprendizagem dos alunos e na relação dos saberes (relação entre a Educação Financeira e outras áreas do conhecimento), que permite a aprendizagem de conceitos e comportamentos financeiros.

Nesse sentido, fica claro o entendimento de que há, por um lado, uma preocupação em tornar os indivíduos responsáveis por gerir suas finanças de modo consciente e que, por outro, há o interesse em fazer com que os indivíduos utilizem suas habilidades para o bom funcionamento dos mercados financeiros. Esse interesse se dá tanto pela OCDE, quanto pela ENEF, que se inspira no conceito de EF da própria OCDE. No entanto, são necessárias ações de EF que não foquem apenas em finanças pessoais, pois é necessário entender a economia de um modo mais amplo, em seus aspectos sociais, culturais e políticos, principalmente no âmbito da escola, o que auxiliará em uma tomada de decisão mais fundamentada. Desse modo, concordamos com Silva e Powell (2013), quando abordam a Educação Financeira Escolar (EFE). Eles explicam que

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (SILVA; POWELL, 2013, p. 12).

---

<sup>1</sup> Tais projetos e programas referem-se a: Selo ENEF, Semana ENEF, Prêmio Nacional de Educação Financeira, Projeto Itinerante de Educação Financeira, cursos EAD, Ecossistemas e jogos, que podem ser consultados no seguinte endereço eletrônico: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/>

Embora a ENEF apresente aspectos positivos na disseminação da EF através dos materiais que dispõe, as parcerias que possui com instituições financeiras, sobretudo as privadas, são um ponto de atenção. Os estudos de Saraiva (2017); Silva (2017); Silva, Pessoa e Santos (2018); Vieira, Oliveira e Pessoa (2019) apontam aspectos positivos e fragilidades, visto que, de acordo com Muniz e Jurkiewicz (2016), os *agentes de instituições financeiras privadas*, como financeiras e bancos privados, oferecem uma EF voltada aos produtos financeiros com um viés direcionado para a conveniência dos produtos que oferece, visando atingir objetivos particulares.

Assim sendo, defendemos uma Educação Financeira Escolar que possibilite aos educandos desenvolver uma consciência crítico-reflexiva, frente às diversas questões de situações financeiras, diferenciando desejo de necessidade, analisando a influência da mídia e das propagandas nas nossas escolhas e que percebam que as ações do presente impactam o futuro do indivíduo e da sociedade como um todo. Portanto, ratificamos que

É em defesa da importância de uma EF que facilite o desenvolvimento de reflexões críticas e proporcione aos alunos uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, tendo em vista que a Matemática, além de fazer parte da realidade, também pode ser capaz de intervir na mesma. A EF tem por propósito, dentre outros objetivos, ajudar as pessoas a administrarem seu dinheiro e o que ele envolve, poupança, finanças, cartões de crédito, investimentos, compras, vendas, por exemplo. Além do auxílio na administração do dinheiro, acreditamos também no papel da EF de propiciar a discussão acerca de um consumo consciente, da influência que a mídia exerce nas escolhas diárias, da reflexão sobre o que desejamos e o que realmente precisamos, sobre o impacto ambiental que algumas escolhas podem causar etc. (PESSOA, 2016, p. 244).

Para que isso seja possível, é preciso pensar em um ensino crítico-reflexivo que esteja presente em uma aprendizagem que respeite alguns princípios norteadores. Esses princípios, de acordo com Muniz e Jurkiewicz (2016), referem-se a: (1) convite à reflexão, o ensino da EF deve oferecer aos estudantes oportunidades de reflexão sobre diferentes aspectos; (2) conexão didática, o ensino da EF deve estar atrelado aos diferentes campos do conhecimento e a diferentes contextos e comportamentos sociais; (3) princípio da dualidade, o processo de ensino e aprendizagem deve ser uma via de mão dupla entre o ensino da Matemática e de situações financeiras; (4) lente multidisciplinar, ainda que a EF esteja vinculada às aulas de Matemática, essas devem apresentar aos estudantes múltiplas leituras de situações financeiras porque são elas que ajudam na leitura de situações de consumo, renda, endividamento, entre outras.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (PCPE) – ambos os documentos oficiais, que subsidiam o planejamento das atividades e conteúdos escolares em âmbito nacional e estadual, respectivamente – apontam que a EF deve ser trabalhada em uma perspectiva transversal e integradora. Tal perspectiva aponta para a “necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)” (BRASIL, 2019, p. 24).

A inserção da EF como um tema obrigatório na BNCC e no PCPE evidencia a importância de a temática adentrar nos espaços escolares para proporcionar discussões sobre finanças, economia, consumo responsável e tomada de decisão. Muito embora ambos os documentos se limitem a apresentar habilidades para o trabalho com a temática a partir do 5º ano do Ensino Fundamental, defendemos que é possível emergir um trabalho a partir da Educação Infantil, como apontam as pesquisas de Mendonça e Pessoa (2019) e Chiarello e Bernardi (2015). Apesar de a EF não ter conteúdos pré-definidos como outras áreas do conhecimento, no âmbito escolar, a abordagem do professor pode refletir a EF a partir de todas as áreas do conhecimento, no entanto, uma das formas da temática chegar aos estudantes pode ser por meio dos Livros de Educação Financeira da ENEF.

Desse modo, como esses materiais representam um recurso importante, que podem dar suporte ao trabalho do professor, é necessário conhecermos como essa temática vem sendo pensada nos materiais que são elaborados para as escolas por meio da ENEF.

Considerando o que vimos destacando acima, o presente estudo busca analisar os Livros do Programa Educação Financeira nas Escolas, para os anos finais do Ensino Fundamental. Especificamente, busca-se analisar todas as atividades dos livros do 6º ao 9º ano de acordo com os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2014), identificar se o material apresenta uma perspectiva transversal no trabalho com a Educação Financeira e elencar os conceitos de EF presente em cada livro.

Para uma melhor compreensão do assunto em estudo, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: a primeira seção é esta introdução; a segunda busca apresentar a teoria que embasa nosso estudo; a terceira apresenta a Estratégia Nacional de Educação Financeira; na quarta seção discutimos sobre a Educação Financeira na Escola: materiais didáticos; a quinta seção apresenta o método utilizado; na sequência, apresentamos e discutimos sobre os resultados e, por fim, fazemos as considerações. A seguir, apresentaremos a teoria que embasa nosso estudo.

## Educação matemática crítica

Nesta seção discutimos sobre a Educação Matemática Crítica (EMC), teoria que embasa o nosso estudo, detendo-nos no recorte dos ambientes de aprendizagem e refletindo sobre qual a sua relação com o ensino da EF.

A EMC, descrita na obra de Ole Skovsmose (2000, 2013, 2014), aborda elementos da democracia e emancipação do indivíduo, apontando possibilidades para professores e pesquisadores no desenvolvimento de um ensino politizado e problematizador. Portanto, discutir sobre a EF na Educação Básica é pensar em uma perspectiva de ensino que transcenda o modelo tradicional de transmissão de conteúdos, para uma perspectiva contextualizada, visto que as situações de finanças estão próximas da vida dos estudantes.

Segundo Skovsmose (2000), a EMC é aquela em que os professores e os alunos se envolvem conjuntamente no processo educacional por meio do diálogo, de forma a desenvolver a democratização do saber. Skovsmose (2000, 2014) aborda os ambientes de aprendizagem, presentes na discussão da EMC. Ele define dois paradigmas e três referências às abordagens da Matemática. O paradigma dos exercícios se caracteriza por trabalhar com os estudantes de modo a resolver as situações utilizando apenas os dados descritos; acontece, geralmente, de maneira individual e possui apenas uma resposta correta. O paradigma dos cenários para investigação acontece de maneira dialógica, levando à reflexão e à ação. Nesse paradigma, o professor lança o convite ou desafio, fazendo perguntas instigantes e os alunos aceitam esse convite ou desafio, respondendo-lhe e aprofundando os questionamentos. Skovsmose (2000, p. 6) define que

Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formularem questões e procurarem explicações. O convite é simbolizado pelo “o que acontece se... T” do professor. O aceite dos alunos ao convite é simbolizado por seus “Sim, o que acontece se... T”. Dessa forma, os alunos se envolvem no processo de exploração. O “Por que isto...?” do professor representa um desafio e os “Sim, por que isto...T” dos alunos indica que eles estão encarando o desafio e que estão procurando explicações. Quando os alunos assumem o processo de exploração e explicação, o cenário para investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem.

Dessa forma, nos cenários para investigação, os alunos possuem mais autonomia e de fato precisam se engajar nas discussões e atividades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Estes paradigmas, exercício e cenários para investigação associam-se a três tipos de referência: matemática pura, semirrealidade e vida real, gerando seis diferentes ambientes de aprendizagem, como pode ser observado no Quadro 1.

**Quadro 01** - Ambientes de Aprendizagem segundo Skovsmose

	<i>Lista de Exercícios</i>	<i>Cenários para investigação</i>
Referências à <i>matemática pura</i>	(1)	(2)
Referências a uma <i>semirrealidade</i>	(3)	(4)
Referências à <i>vida real</i>	(5)	(6)

Fonte: Skovsmose (2014, p. 54).

O ambiente de aprendizagem do tipo 1 se refere à matemática pura no paradigma dos exercícios, de um modo geral realizando cálculos, em atividades que têm apenas uma resposta; o ambiente de aprendizagem do tipo 2 se refere à matemática pura nos cenários para investigação, mas possibilitam a reflexão e despertam o interesse nos alunos a partir dos questionamentos feitos pelo professor; o ambiente de aprendizagem do tipo 3, semirrealidade no paradigma dos exercícios, apresenta situações hipotéticas, exigindo apenas uma resposta, sem incentivar diálogos e questionamentos; o ambiente de aprendizagem do tipo 4 também trabalha com situações hipotéticas, entretanto, nos cenários para investigação, as atividades exploram investigações e diálogos críticos; o ambiente de aprendizagem do tipo 5 se refere aos exercícios que são baseados em situações da vida real, sem, no entanto, levar à prática da investigação; o ambiente de aprendizagem do tipo 6 compreende os cenários para investigação inseridos em situações da vida real, os quais levam os alunos a refletir, dialogar, criticar, investigar e agir objetivando a resolução das situações.

Skovsmose (2000) discute que todos os seis ambientes de aprendizagem são importantes e devem coexistir em sala de aula, dependendo dos objetivos de ensino, pois em determinados momentos o professor precisa, junto com os estudantes, investigar, criticar, agir e questionar, e em outros momentos, desenvolver técnicas que possam auxiliar nas tomadas de decisão, por exemplo.

No contexto da Educação Financeira, a EMC configura-se como uma alternativa para subsidiar o trabalho do professor no trato com a temática em sala de aula. Aos que buscam desenvolver com seus alunos uma consciência crítica e reflexiva frente a situações que envolvam finanças, os cenários para investigação representam um importante caminho, pois, ao colocar os estudantes como atuantes no processo de ensino e aprendizagem, proporciona uma ampliação dos conhecimentos e torna as aulas mais significativas, uma vez que as questões relacionadas às finanças estão próximas da vida cotidiana dos estudantes, o que permite relacionar os conhecimentos científicos com os práticos, tornando o ensino mais contextualizado.

Nesse sentido, tendo sido feitas as devidas considerações sobre a Educação Matemática Crítica e sua relação com a Educação Financeira, de forma a abordar a EF de forma investigativa, na próxima seção veremos qual a perspectiva de EF presente na Estratégia Nacional de Educação Financeira, bem como as orientações para sua abordagem em sala de aula.

### **Estratégia nacional de educação financeira – ENEF**

Como apresentado anteriormente, a ENEF é uma política pública de caráter permanente, que busca difundir uma cultura de EF no país. Tomando por base a leitura de documentos oficiais da ENEF e OCDE, esta seção busca discutir os objetivos e perspectiva de EF presente na Estratégia.

Apesar de a EF ser uma temática relativamente nova e de obrigatoriedade recente em nosso país, percebe-se que há encaminhamentos normativos que buscam consolidar e ampliar o trabalho da EF no contexto escolar. De acordo com o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – COREMEC, a ENEF surgiu para orientar a população com informação e formação, contribuindo, de forma geral, para o sistema econômico e financeiro do país e, de forma específica, para a vida pessoal de cada indivíduo. Nesse sentido, a EF é definida pela ENEF como

O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005, p. 3).

Embora a ENEF apresente uma perspectiva de EF que se propõe a formar indivíduos responsáveis e comprometidos com o futuro, percebe-se que há no discurso uma alusão à eficiência do mercado financeiro, quando a Estratégia afirma que os indivíduos e as sociedades devem melhorar sua compreensão sobre os conceitos e os produtos financeiros, adquirindo os valores e as competências necessárias para discernir os riscos e as oportunidades de adquirir um serviço financeiro.



Como pesquisadoras, defendemos que a EF deve ir além da perspectiva mercadológica, ela deve ter preocupações sobre consumo e consumismo, sobre as influências da mídia e das propagandas, sobre a preservação ambiental e sobre questões éticas. Desse modo, mesmo que a temática seja nova nos currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, proposta como obrigatória nos documentos oficiais a partir de 2017, com a BNCC, coadunamos com Oliveira (2016, p. 2), quando afirma que

Embora seja uma temática nova, sua importância vem sendo ressaltada, pois frente a um contexto social permeado por demandas de consumo, por mudanças nas relações sociais e modos de vida, em uma sociedade cada vez mais complexa e que exige do cidadão conhecimentos referentes a como lidar com o dinheiro, possibilidades de escolhas, armadilhas do consumismo, tomadas de decisão, reflexões sobre os conceitos de querer e de precisar, usos de produtos financeiros de modo consciente, dentre outros, torna-se indispensável a inserção de um trabalho com a EF nas escolas.

Segundo Oliveira, levar a EF para as escolas não se resume a sonhar e poupar; é necessário levar em consideração aspectos da sociedade como um todo, pois há demandas culturais e socioeconômicas que requerem do nosso aluno um posicionamento fundamentado para tomar decisões e fazer escolhas em situações do cotidiano que envolve o consumo.

Pensando em levar conceitos de EF para a sala de aula, seguindo orientações da OCDE e dessa forma ampliando o debate em torno de questões sobre finanças pessoais e consumo consciente, um conjunto de livros didáticos foi elaborado pela ENEF, em parceria com o Ministério da Educação, a Associação de Educação Financeira do Brasil e o Comitê Nacional de Educação Financeira, tanto para o Ensino Fundamental anos iniciais e finais, quanto para o Ensino Médio. Os objetivos e as competências da ENEF, segundo o que está descrito no documento Brasil: implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira (BRASIL, 2010), que são abordados em seus livros, envolvem as dimensões espaciais e temporais. A seguir, tais dimensões serão explicadas.

Na dimensão temporal, os conceitos são discutidos tendo como base a noção de que decisões tomadas no presente afetam o futuro. Os espaços são cruzados pela dimensão temporal, que conecta o passado, o presente e o futuro, em uma corrente de inter-relações. Essa corrente torna possível a percepção do presente não apenas como um resultado de decisões tomadas no passado, mas como o momento em que certas iniciativas foram tomadas, e os resultados e as consequências dessas iniciativas – positivos e negativos – serão coletados no futuro (BRASIL, 2010, p. 12).

Na dimensão espacial, os conceitos financeiros são tratados tomando como ponto de partida o impacto das ações individuais sobre o contexto social, que envolve os níveis local, regional, nacional e global. Nessa dimensão, os objetivos apontam para dois movimentos distintos: circunscrição e mobilidade. Enquanto o primeiro aponta a importância do indivíduo ater-se a um determinado espaço, para cuidar de sua vida financeira, de modo que não atinja outras pessoas, o segundo assinala a importância de compreender as diversas inter-relações dos níveis de organização social, para o exercício da cidadania e responsabilidade social. “Assim, os dois movimentos – circunscrição e mobilidade – se complementam para permitir adequada atenção tanto aos assuntos de natureza individual quanto às necessárias conexões entre indivíduo e sociedade, em prol de projetos que beneficiem a ambos” (BRASIL, 2010, p. 12).

Como pode ser observado, o material proposto pela ENEF para o ensino da EF apresenta uma proposta pedagógica que visa a relacionar o trabalho da EF com o que está no mundo, conscientizando os estudantes sobre o impacto das suas ações individuais sobre o contexto social e a noção de que as decisões tomadas no presente podem afetar o futuro.

Reconhecemos que tais dimensões sejam importantes para o trabalho com a temática, mas defendemos que é necessário que a EF na escola tenha um foco diferenciado, que não se restrinja apenas ao tratamento de questões de finanças pessoais, mas que possibilite a abertura de espaço para que outros temas importantes, como questões sociais, o impacto do consumismo no meio ambiente, as influências da mídia nas nossas escolhas e a ética na relação com o dinheiro, estejam presentes nas discussões em sala de aula.

Desse modo, para uma melhor compreensão sobre a perspectiva de EF presente nos livros da ENEF, buscamos obter um panorama de como a temática vem sendo abordada nos materiais para os anos finais do Ensino Fundamental e se os conteúdos e as atividades possibilitam o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva nos estudantes. Assim, na próxima seção apresentaremos algumas pesquisas acadêmicas que se propuseram a analisar o material da ENEF e livros didáticos.

### **Educação financeira na escola: materiais didáticos**

Nesta seção nos propomos a apresentar algumas pesquisas acadêmicas que analisaram livros didáticos e os materiais da ENEF. Selecionamos três dissertações de mestrado, Silva (2017), Santos (2017) e Azevedo (2019) e dois Trabalhos de Conclusão de Curso, Vieira, Oliveira e Pessoa (2017) e Silva, Pessoa e Santos (2018), que contribuem na fundamentação de nosso estudo. A seguir apresentaremos tais estudos.

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2017) desenvolveu um estudo que teve por objetivo analisar o material didático de Educação Financeira da ENEF para o Ensino Médio e sua relação com a Matemática. Nesta pesquisa, a autora constatou que, se por um lado há uma relação intrínseca entre a EF e a Matemática nos livros dos alunos, por outro, nos livros dos professores essa relação não é bem referenciada, uma vez que as orientações apenas sugerem que em algum momento seja trabalhado conteúdo matemático.

O estudo de mestrado desenvolvido por Santos (2017) teve como objetivo investigar como os manuais dos professores e as atividades propostas nos livros dos alunos, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2016, abordam o tema da EF. No estudo foram analisados todos os livros didáticos de Matemática dos anos iniciais do Ensino fundamental aprovados pelo PNLD (2016). A pesquisadora encontrou como resultado 48 atividades de EF, das quais em 26 só foi possível a identificação como sendo de EF a partir da análise das orientações do manual do professor. Além disso, foi observado que grande parte das atividades apresenta potencial para cenários para investigação. A pesquisadora concluiu que a discussão sobre a EF, bem como as atividades que discutem a temática, precisa ocorrer de forma mais sistematizada nos livros de Matemática dos anos iniciais e não de modo pontual, a fim de possibilitar reflexões e possíveis mudanças de comportamento, dessa forma propondo uma reformulação nos mesmos.

Azevedo (2019), em sua pesquisa de mestrado, teve o objetivo de analisar as abordagens de atividades de EF em livros didáticos de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental aprovados pelo PNLD (2017), através do método documental. O autor analisou 11 coleções, totalizando 44 livros. Como principais resultados encontrou nesses livros 504 atividades em que havia possibilidade de trabalho com EF; dessas atividades, 98 possuíam orientações no manual do professor de forma breve, não apresentando em sua maioria uma reflexão investigativa e crítica, exigindo, dessa forma, que o professor esteja preparado para trabalhar o tema abordando as diversas possibilidades.

O estudo desenvolvido por Vieira, Oliveira e Pessoa (2017) analisou os livros da ENEF para o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, a partir de três categorias: conteúdos, áreas do conhecimento e orientações ao professor. Através do método da análise documental, as autoras concluíram que o material apresenta uma diversidade de conteúdos e de áreas de conhecimentos, que permitem que a EF seja trabalhada de forma transversal e interdisciplinar; além disso, perceberam que as orientações ao professor auxiliam no entendimento e desenvolvimento de conceitos relacionados à EF.

Semelhante ao estudo anterior, o desenvolvido por Silva, Pessoa e Santos (2018) analisou os livros do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da ENEF, analisando conteúdos, orientações ao professor, áreas de conhecimento a serem abordadas e atividades com maior ou menor potencial para cenários de investigação, segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000). Como resultados foram encontrados que os livros abordam a EF na perspectiva escolar, não defendendo o que é certo ou errado, mas levando à reflexão. As atividades, em geral, possuem potencial para cenários para investigação, sendo necessário o livro do professor para melhor compreensão dos objetivos. Os livros contemplam a transversalidade do tema EF, que é abordado de forma integrada às diferentes áreas do conhecimento. Encontraram, ainda, atividades que não contemplam diretamente a EF, o que foi considerado como uma fragilidade do material. Contudo foi considerado que, em geral, os livros trazem atividades com potencial para a construção de cenários para investigação e para a discussão sobre a EF.

Nos estudos apresentados, é possível perceber que há nos materiais analisados uma distinção na forma como a EF é abordada. No estudo de Silva (2017), vimos que os livros da ENEF para os alunos do Ensino Médio apresentam uma relação intrínseca com o ensino da Matemática, o que difere das orientações aos professores. Em Santos (2017), observamos que as atividades presentes nos livros de Matemática apresentam potencial para cenários para investigação, mas que as discussões precisam ser mais contextualizadas nos livros de Matemática. Em Azevedo (2019), é possível perceber uma abordagem das atividades não sendo propostas de forma investigativa e na EF defendemos que aspectos matemáticos e não matemáticos trabalhem em conjunto, de acordo com o princípio da dualidade abordado por Muniz e Jurkiewicz (2016). Nos estudos de Vieira, Oliveira e Pessoa (2017) e Silva, Pessoa e Santos (2018), percebemos que os Livros de Educação Financeira para o Ensino Fundamental – anos iniciais do 1º ao 5º ano – apresentam uma diversidade de conteúdos, áreas do conhecimento e atividades com potencial para cenários para investigação que permitem abordar a EF em uma perspectiva escolar, de forma integradora e transversal.

É válido mencionar que em nossas buscas não encontramos pesquisas cujo objeto de estudo fosse a análise dos Livros de Educação Financeira da ENEF, para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Não ter encontrado estudos com esse foco aponta a importância do presente estudo em suprimir esta lacuna. A seguir, explicaremos o caminho da pesquisa.

## Método

O presente estudo consiste em uma análise documental que, segundo Lüdke e André (1986), analisa documentos ainda em sua forma natural de informações, de onde podem ser retiradas evidências para fundamentar declarações do pesquisador. Nesta perspectiva, encontram-se os livros *Educação Financeira na Escola* da ENEF, para os anos finais do Ensino Fundamental.

Como apontado anteriormente, foram analisados neste estudo os livros “Educação Financeira na Escola do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental”, elaborados pelo Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) sob chancela do MEC, no âmbito da Estratégia Nacional de Educação Financeira.

As análises pautaram-se na leitura e interpretação de todas as atividades presentes nos livros do 6º, 7º, 8º e 9º anos, de forma a perceber as categorizações de Skovsmose (2014) e a perspectiva da transversalidade no material.

Desse modo, buscamos, neste estudo, analisar os Livros do Programa Educação Financeira nas Escolas, para os anos finais do Ensino Fundamental. Especificamente busca-se analisar todas as atividades dos livros do 6º ao 9º ano de acordo com os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2014), identificar se o material apresenta uma perspectiva transversal no trabalho com a Educação Financeira e elencar os conceitos de EF presentes em cada livro.

Para a análise relacionada aos ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2014), a definição das categorias foi baseada no estudo de Santos (2017). A pesquisadora definiu que, para categorizar uma atividade como semirrealidade, levou em consideração a proposição de situações hipotéticas, que envolviam personagens, ou reproduções da realidade, mas que foram elaboradas com fins didáticos, sem uma preocupação com a veracidade do que estava posto; para categorizar uma atividade como realidade, Santos (2017) levou em consideração atividades que tratavam diretamente das experiências do aluno. A pesquisadora categorizou no paradigma do exercício atividades que não possibilitavam ao aluno a investigação e categorizou no paradigma dos cenários para investigação atividades que levavam a investigações, diálogos, ações e críticas.

Assim como Santos (2017) e Silva (2017), no presente estudo optou-se por categorizar as atividades como “tendo potencial para” cenários para investigação por acreditarmos, assim como Skovsmose (2000) defende, que para que os cenários para investigação ocorram é necessário que o professor faça o convite a seus alunos e estes aceitem refletir, dialogar, criticar,

agir. Uma atividade de livro pode ou não gerar cenários para investigação, dependendo dos encaminhamentos e das interações em aula.

Vale ressaltar que classificamos como atividade didática, de ensino e aprendizagem, aquela que apresenta em seu contexto um conceito de Educação Financeira que possa ser discutido em sala de aula, suscitando o debate, fazendo com que os alunos reflitam, explorem possibilidades e diálogos, desenvolvendo uma consciência crítica sobre diversas situações cotidianas. Assim, coadunamos com o pensamento de Monteiro (2010, p. 01) quando afirma que “as atividades didáticas [...] servem como mediadoras da relação entre os alunos e um objeto de conhecimento ou entre as relações sociais inerentes ao contexto pedagógico”.

### Material para análise

A EF pode ser trabalhada de diversas formas, com diferentes abordagens, e uma delas pode ser através do uso dos livros de *Educação Financeira na Escola* – material específico, elaborado pela ENEF, o qual afirma que tem como objetivo auxiliar o professor no trabalho com a temática e inserir os estudantes no universo da Educação Financeira por meio de discussões, conceitos e atividades. Na Figura 1 são apresentadas as imagens dos livros analisados.

**Figura 1** - Livros Educação Financeira na Escola – anos finais do Ensino Fundamental.



Fonte: Site ENEF.

Para o 6º ano, o livro apresenta formato similar ao do 5º ano, possui uma proposta de ensino conhecida como *livro jogo* ou *aventura solo*, em que o aluno assume o protagonismo no rumo da história proposta no livro e, através de suas decisões, verifica possibilidades no decorrer da rota escolhida, dentre as opções oferecidas em cada história.

Para o 7º e 8º anos, os livros apresentam uma proposta de ensino, através de uma dinâmica denominada *jogo pervasivo*, que se passa através de um contexto narrativo imaginário que mostra a aplicabilidade da EF no cotidiano e que sugere um trabalho durante seis encontros. Para o 7º ano, o contexto da história é sobre os esportes, e para o 8º ano, o turismo. Cada parte que compõe a história apresenta uma narrativa ligada a algum conceito da Educação Financeira

e, no final de cada debate, são apresentadas atividades em forma de objetivos para serem vivenciadas em grupo. Para o 9º ano, o livro apresenta um formato baseado em *website*, chamado de *impressite*, com vários gêneros narrativos, trabalhando os conceitos de forma modular.

Na próxima seção, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa.

## Resultados

Nesta seção apresentaremos os resultados obtidos a partir dos dados analisados. Para uma melhor compreensão do que fora observado, criamos três categorias para análise, a saber: Atividades segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose, Transversalidade presente nos livros Educação Financeira nas Escolas e Conceitos de Educação Financeira identificados no material.

### Atividades segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose

Os livros *Educação Financeira na Escola* para o Ensino Fundamental anos finais apresentam um total de 88 atividades, das quais 72 foram classificadas no ambiente do tipo 4 (referência a uma semirrealidade no paradigma dos cenários para investigação) e 16 atividades foram classificadas no ambiente do tipo 6 (referência à vida real no paradigma dos cenários para investigação), assim, não foram encontradas atividades que pudessem ser categorizadas nos demais ambientes de aprendizagem. A frequência é apresentada no Quadro 2.

**Quadro 2** - Frequência de atividades de Educação Financeira segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2014).

Livro/ano	Ambiente de aprendizagem tipo 4	Ambiente de aprendizagem tipo 6
6º ano	0	7
7º ano	36	0
8º ano	36	0
9º ano	0	9

Fonte: as autoras.

Um interessante dado é que nos livros do 6º e 9º anos aparece apenas o ambiente 6, que corresponde aos cenários para investigação com referência à vida real, possuindo poucas atividades, apenas sete e nove, respectivamente. Já nos do 7º e 8º anos aparecem apenas

atividades do ambiente 4, que corresponde aos cenários para investigação com referência a semirrealidade, contendo a mesma quantidade de atividades cada, 36. Inferimos que isso ocorra em função da proposta metodológica dos livros, pois os do 6º e 9º anos solicitam em suas atividades opiniões dos estudantes quanto a situações apresentadas ou que sejam investigados contextos do cotidiano dos discentes, como demonstrado nas Figuras 2 e 5. Quanto aos livros dos 7º e 8º anos, estes apresentam a mesma proposta metodológica, pois neles é solicitado que os estudantes, durante as atividades, assumam papéis e atendam a objetivos pré-estabelecidos, propiciando vivenciar experiências que foram definidas para um contexto hipotético, como demonstrado nas Figuras 3 e 4. Embora ambas as propostas metodológicas propiciem potencial para cenários para investigação, as abordagens se diferenciam.

Nos livros analisados encontramos atividades com potencial para cenários para investigação no contexto da EF, o que consideramos ideal, pois os livros abordam o tema de forma investigativa e lúdica, associando a temática a aplicações práticas no dia a dia dos alunos. Tais resultados corroboram os encontrados por Silva, Pessoa e Santos (2018) em que o livro do 5º ano desenvolve um trabalho igualmente investigativo no contexto da EF. Nas Figuras 2, 3, 4 e 5 apresentamos exemplos de atividades do material e suas classificações.

### **Atividades do 6º ano**

Como mencionado anteriormente, o livro do 6º ano possui uma proposta de ensino conhecida como *livro jogo* ou *aventura solo*, em que o aluno assume o protagonismo no rumo da história apresentada pelo livro. O estudante, através de suas decisões, verifica possibilidades no decorrer da rota que ele escolhe, dentre as opções oferecidas em cada história, seguido de duas atividades para os estudantes realizarem. Abaixo, segue um exemplo de atividade do livro do 6º ano.

**Figura 2** - Atividades com potencial para cenário para investigação, na perspectiva da vida real



**1ª Tarefa**

Defina as cinco coisas que mais gosta de fazer ou consumir. Anote em um caderno.

1 ? 2 ? 3 ? 4 ? 5 ?

Anote por duas semanas as suas próprias despesas em um caderno. Depois desse prazo, leia as suas anotações e analise as despesas que fez. Compare com a sua lista das coisas que mais gosta de fazer ou consumir. A que conclusão chegou? Você está gastando de acordo com o que é importante para você? Compare suas conclusões com as de seus colegas.

**2ª Tarefa**

Pegue com sua família as contas ou notas fiscais das maiores e das menores despesas do mês. A que conclusão você chegou? Vocês estão gastando de acordo com seus objetivos? Poderiam economizar?

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do aluno – 6º ano, p. 37.

Classificamos as atividades da Figura 2 como tendo potencial para cenários para investigação porque ela faz um convite a refletir, a investigar e à ação. Classificamos na referência à vida real, porque apresenta um contexto sobre a EF que está diretamente relacionado a uma situação da vida real. Nesse sentido, acreditamos que a partir das inferências feitas pelo docente, questionamentos diversos podem ser desencadeados a partir desta atividade, fazendo com que os estudantes tenham liberdade para debater, pesquisar, concordar e discordar com as alternativas apresentadas, propondo novas possibilidades para questão apresentada.

### Atividades do 7º e do 8º ano

Pelo fato dos livros do 7º e 8º anos apresentarem a mesma proposta metodológica das atividades, optamos por fazer a apresentação e análise desses materiais neste mesmo tópico.

Diferentemente das atividades do 7º ano, que se passam na conjuntura de uma organização esportiva, as do 8º ano se passam no contexto de uma agência de viagens, na qual cada grupo terá como atividade planejar passeios, oferecer conforto aos hóspedes e lidar com imprevistos. A cada encontro, os alunos em seus respectivos grupos são desafiados a realizarem uma atividade específica. A seguir, apresentamos na Figura 3 um recorte do contexto narrativo que aborda o conceito de empréstimo no livro do 7º ano e da atividade solicitada ao grupo banco. Na Figura 4 apresentamos uma atividade e contexto do livro do 8º ano.

**Figura 3** - Atividade classificada como potencial para cenário para investigação, na referência à semirrealidade

## Segundo Encontro

*Susana e Roberto estavam há horas examinando contas, recibos, estudando o orçamento da escola. Primeiro, eles haviam anotado todas as despesas da escola por dois meses, depois comparado com o previsto. Conhecendo bem as despesas, tinham-nas dividido em categorias: muito importante, importante, pouco importante e dispensável. Susana suspirou:*

*– Bom, confesso que estou surpresa. Eu imaginava que a escola estava gastando muito com material de limpeza, mas, considerando o tamanho das instalações e a quantidade de alunos que temos, até que a despesa é bem razoável.*

*– Por outro lado, veja o quanto estamos gastando com despesas que nós mesmos decidimos serem pouco importantes ou mesmo dispensáveis. Pelo visto, temos uma boa gordura para cortar. Viu? Podemos usar já uma parte e pegar o empréstimo, e evitar perder o prazo das obras.*

*– Eu prefiro investir essa economia que a escola vai fazer. Mas onde? Em uma conta de poupança? Um fundo de investimentos? Em ações?*

**Você acha que Susana deveria investir o dinheiro guardado ou gastá-lo para começar as obras e comprar o equipamento necessário?  
O grupo deve debater entre si e apresentar sua conclusão.**

**Anotar as próprias despesas** por algum tempo, um mês, uma semana, é o primeiro passo para se economizar. Afinal, para **reduzir os gastos** é preciso primeiro saber onde se está gastando. Às vezes a gente se surpreende e descobre que está gastando muito com coisas que nós mesmos julgamos pouco importantes. Depois de conseguir reduzir despesas e poupar, costuma ser uma boa **ideia** fazer um **investimento** para **receber os juros** da aplicação.

**BANCO** [empréstimo]

- **Objetivo:** conseguir parceiros que façam aplicações com o banco, divulgando sua nova linha de negócios. Assim, haverá mais recursos para apoiar as competições esportivas na escola.
- **Contexto:** “Para podermos emprestar temos que ter recursos; logo, é hora de diversificar o nosso negócio. Já temos empréstimos, agora precisamos de pessoas que queiram investir seus recursos conosco por meio das nossas opções de investimento. Quem nós podemos procurar?”

Fonte: CONEF- Ensino Fundamental – Livro do aluno– 7º ano, pp. 25 e 29.

**Figura 4** - Atividade classificada como potencial para cenário para investigação, na referência à semirrealidade

*Em uma casa, um jovem casal planeja animadamente sua viagem.*

- *Essas férias serão ótimas. Poderemos visitar minha cidade natal, os meus pais vão conhecer nossa filha, e ainda aproveitar para relaxar, tomar banho de rio, comprar umas lembrancinhas – diz Gabriela.*
- *Gabi, vamos fazer as contas com calma. O dinheiro anda curto. Viajar, tudo bem, mas comprar lembranças?*
- *Mas, nós vamos ficar na casa dos meus pais parte da viagem! É só um dia de ônibus até lá. Tem um artesanato lindo que você vai adorar.*
- *Eu adoro banho de rio, música, conhecer gente nova, provar novas comidas. Mas, lembranças para quê? Isso custa caro!*
- *Eu gosto de dar presentes, Maurício. Você sabe disso. Gosto de presentear os amigos.*
- *Está bem, vamos rever o orçamento da casa e ver se conseguimos reduzir algumas despesas para fazer uma reserva para as lembrancinhas da viagem.*

**SEGUNDO GRUPO DE TURISTAS** [participação]

- **Contexto:** “Como fazer para que a viagem dos sonhos não se torne a dos pesadelos? Da última vez, o dinheiro acabou antes da volta, tivemos que pegar um empréstimo que ficamos pagando por meses! Dessa vez, vamos planejar tudo direitinho para nos divertirmos sem nos endividarmos. Qual será o melhor pacote?”

Fonte: CONEF– Ensino Fundamental– Livro do aluno– 8º ano, pp. 24 e 29.

Classificamos ambas as atividades com potencial para cenários para investigação, porque a partir da postura adotada pelo professor e pelos alunos, existe a possibilidade de desenvolver discussões e reflexões frente às diversas situações de Educação Financeira. A partir dos contextos narrativos apresentados, que classificamos como referência a uma semirrealidade, podem-se explorar outras temáticas de EF, tais como tomada de decisão, planejamento, situações previstas e imprevistas, investimento, organização, uso do dinheiro, desejo *versus* necessidade, supérfluo *versus* necessários e despesas.

No entanto, para que isso seja possível, faz-se necessário que a abordagem dada ao ensino da EF transcenda uma perspectiva bancária de ensino para uma contextualizada e significativa, possibilitando aos alunos uma aprendizagem a partir de reflexões críticas. A esse respeito, concordamos com Muniz e Jurkiewicz (2016) quando afirmam que um dos princípios norteadores para o trabalho com a Educação Financeira é o convite à reflexão. Concordamos com Pessoa (2016) quando elucida a importância de uma EF que facilite o desenvolvimento de reflexões críticas e proporcione aos alunos tomadas de decisões conscientes e uma aprendizagem mais contextualizada.

### Atividades do 9º ano

Conforme discutido anteriormente, o livro do 9º ano apresenta um formato baseado em website, chamado de *impressite*, com vários gêneros narrativos como entrevistas, reportagens, fóruns, crônicas, contos, entre outros, trabalhando os conceitos de EF de forma modular. Abaixo um exemplo de atividade do 9º ano.

**Figura 5** - Atividade com potencial para cenário para investigação com referência à realidade

S:

**1ª.** Pesquisem histórias na ficção (livros, histórias em quadrinhos, filmes, canções, peças de teatro, desenhos animados etc.) em que personagens agem de forma similar à do Seu Armindo e do DJ Carlito, poupando para atingir seus sonhos, mas sem se tornarem gananciosas ou sovinas. Depois, façam a mesma pesquisa procurando relatos de pessoas reais em jornais, revistas, programas de rádio, na internet, conversando com parentes, amigos e professores.

Ao final de sua pesquisa, analisem os resultados que obtiveram. Essas histórias são mais ou menos comuns que aquelas com personagens avarentos e egoístas? Por quê? A que conclusão vocês chegaram?

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do aluno – 9º ano p. 83.

Classificamos as atividades da Figuras 5 como tendo potencial para cenários para investigação, assim como as atividades anteriores que abordam em sua composição a reflexão e a investigação que levam à ação. Classificamos com referência à realidade por apresentar um contexto sobre a EF que está diretamente relacionado a uma situação da vida real. Embora inicie solicitando uma pesquisa em locais que podem conter fatos fictícios, a pesquisa inicial serve como base para a pesquisa baseada em contextos da vida real, presente no cotidiano das pessoas.

Ressaltamos que cada atividade classificada como potencial para cenários para investigação se dê pelo fato de que depende da abordagem do professor em sala de aula, pois como indica Skovsmose (2000, 2014), serão cenários para investigação se o professor fizer o convite ao desafio, à investigação, à crítica e à ação e os alunos aceitarem.

Na próxima seção apresentamos nossa discussão sobre a abordagem da transversalidade dos livros.

### **Transversalidade nos Livros de Educação Financeira**

A partir das análises realizadas nos quatro volumes (6º, 7º, 8º e 9º) percebemos que a proposta pedagógica do material possibilita trabalhar a Educação Financeira de forma transversal. A própria forma como os livros estão organizados, por meio de contextos narrativos que permitem tratar de diversos conceitos da Educação Financeira (orçamento, planejamento, estimativas, tomada de decisão, investimento, desperdícios, imprevistos, consumir X poupar, risco, imediatismo, empréstimo), permite envolver o trabalho sobre a temática com outras áreas do conhecimento, o que corrobora o que está posto na BNCC, quando menciona que o trabalho com a EF deve ser de forma transversal e integradora.

Tal fato nos remete a um dos princípios elencados por Muniz e Jurkiewicz (2016), pois há o incentivo à reflexão, estabelecendo conexões didáticas com outras áreas do conhecimento. Como é um material específico para o trabalho com a EF, a disciplina de Matemática não é o único locus para o desenvolvimento das atividades, o que faz com que o material estabeleça a transversalidade nas disciplinas e possibilite aos estudantes (a partir do trabalho do professor) diferentes leituras de situações financeiras.

De um modo geral, percebe-se que os livros de Educação Financeira nas Escolas para o Ensino Fundamental anos finais apresentam uma proposta de ensino que pode ampliar o debate associado à perspectiva de Educação Financeira Escolar, que engloba a necessidade de se colocar em prática um ensino de EF que se contraponha ao modelo bancário das instituições financeiras, que consiste em poupar para consumir posteriormente. A EF que defendemos vai

muito além dessas questões, buscando desenvolver a consciência crítico-reflexiva nos educandos por meio de uma aprendizagem investigativa e contextualizada.

Na seção a seguir, apresentaremos os conceitos de EF presente no material.

### **Conceitos de Educação Financeira identificados no material**

Por ser um material específico para o trabalho com a Educação Financeira, é evidente que os livros para os anos finais do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano – apresentem no interior de suas atividades conceitos de EF. Como forma de identificar e elencar quais os conceitos que estão presentes, analisamos cada uma das atividades em cada livro. Assim, para uma melhor compreensão do que foi observado, apresentaremos os dados por meio de um quadro, por ano de escolaridade. Ressaltamos que com exceção do 7º e 8º anos, que apresentam a mesma proposta metodológica das atividades, os demais serão apresentados de modo individual.

**Quadro 3 - Conceitos de EF presentes em cada livro**

<b>Ano de Escolaridade</b>	<b>Conceitos Identificados</b>
<b>6º ano</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimativa</li> <li>• Financiamento versus empréstimo</li> <li>• Juros</li> <li>• Orçamento Doméstico</li> <li>• Patrimônio</li> <li>• Relação risco/retorno em investimentos</li> </ul>
<b>7º e 8º ano</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tomada de decisão</li> <li>• Estimativa</li> <li>• Planejamento</li> <li>• Orçamento</li> <li>• Despesas</li> <li>• Receitas</li> <li>• Consumo</li> <li>• Contabilidade Mental</li> <li>• Negociação</li> <li>• Financiamento</li> <li>• Imprevistos</li> <li>• Imediatismos</li> <li>• Poupança</li> <li>• Sustentabilidade</li> </ul>
<b>9º ano</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Armadilhas mentais do consumo</li> <li>• Cartão de Crédito e Débito</li> <li>• Empreendedorismo</li> <li>• Preço versus valor</li> <li>• Planejamento</li> <li>• Patrimônio</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seguros</li> <li>• Tributos</li> </ul>
--	---

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como pode ser observado no quadro acima, os livros de Educação Financeira para os anos finais do Ensino Fundamental apresentam – como é de se esperar – uma variedade de conceitos de EF que perpassam cada ano escolar e estão imbricados nas atividades.

Diferentemente do material didático para o 1º, o 2º, o 3º e o 4º anos do Ensino Fundamental, que, de acordo com Vieira, Oliveira e Pessoa (2019) e Silva, Pessoa e Santos (2018), apresentam atividades cujas resoluções no livro do aluno são viáveis exclusivamente com a utilização do livro do professor, permitindo compreender o objetivo e os encaminhamentos do que está posto nos livros, esses livros de Educação Financeira nas Escolas, destinados ao Ensino Fundamental anos finais, apresentam uma relação clara a partir do livro do aluno, permitindo a compreensão dos objetivos e conceitos de EF, em todas as atividades.

Todos os conceitos de EF encontrados nos livros têm uma relação com a área de conhecimento da Matemática. Tal fato nos remete aos princípios de Muniz e Jurkiewicz (2016), pois há o incentivo à pesquisa e à reflexão, apresentando-se conexões didáticas quando se propõe abordar os conceitos de EF com outras áreas do conhecimento, como discutido anteriormente. Há a ideia de que a Matemática ajuda nas reflexões e tomadas de decisão financeira e vice-versa, além de apresentar aos estudantes múltiplas leituras de situações financeiras. Isso posto, a seguir apresentaremos as considerações.

### **Considerações**

Mediante os dados coletados e analisados, foi possível observar que os livros de Educação Financeira para os anos finais do Ensino Fundamental da ENEF apresentam uma abordagem pedagógica que permite trabalhar conceitos de EF de forma interdisciplinar e transversal como recomendado pela BNCC (2017) e pelo currículo de Pernambuco (2019).

Verificamos que os livros apresentam uma abordagem diferente de ensino para cada livro, o que pode favorecer os estudantes a entenderem situações de EF a partir de diferentes perspectivas.

As atividades a serem realizadas individualmente e em grupo, de um modo geral, solicitam um posicionamento crítico sobre diversas situações e conceitos de EF, tais como tomada de decisão, sustentabilidade, querer versus necessidade, planejamento, orçamento, imprevistos, investimento, o que é positivo.

No que diz respeito aos ambientes de aprendizagem de Skovsmose, encontramos como resultado que as atividades se concentram nos ambientes 4 e 6, o que é bastante positivo, pois são os ambientes relativos aos potenciais cenários para investigação, com referência à semirrealidade e à realidade, respectivamente. Estes ambientes de aprendizagem levam à reflexão, à investigação, à ação e à criticidade. Entendemos que nem todas as atividades acionam todas estas características, mas sim alguma ou algumas delas. Consideramos uma atividade com potencial para cenários para investigação quando trazem em seu corpo elementos que por si só levam o aluno a refletir, investigar, debater, criar e conhecer outras possibilidades de ação diante das situações apresentadas nas atividades do livro, associadas à condução que o professor fará, de acordo com os objetivos de aprendizagem. O movimento entre os ambientes de aprendizagem depende, portanto, do contexto e como as atividades serão conduzidas e as discussões que serão realizadas antes, durante e depois de cada vivência.

De um modo geral, as atividades propostas nos livros têm potencial para uma exploração sobre conceitos relacionados à EF, tanto por explorarem diversas áreas do conhecimento, como por criarem situações que podem levar a um trabalho mais voltado aos cenários para investigação, perspectiva que defendemos como um caminho possível para se desenvolver um trabalho crítico e investigativo com a temática EF.

Para um estudo posterior, são interessantes pesquisas que procurem verificar se e como esses materiais são utilizados nas escolas e a abordagem feita pelos professores.

## Referências

AZEVEDO, Suedy Santos. **Educação Financeira nos Livros Didáticos de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Programa de Pós Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BRASIL. **BRASIL**: Implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira, Brasília, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm)>. Acesso em: 17 maio 2017.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF**. Vida e dinheiro. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/>>. Acesso em: 17 maio 2017.



BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino de educação financeira é importante para desenvolvimento de crianças e adolescentes**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/58211-ensino-de-educacao-financeira-e-importante-para-desenvolvimento-de-criancas-e-adolescentes> acesso em: 23 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos Transversais na BNCC**, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao\\_temas\\_contemporaneos.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf). Acesso em: 14 out. 2019

CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek; BERNARDI, Luci dos Santos. Educação Financeira Crítica: Novos Desafios na Formação Continuada de professores. **Boletim Gepem** (eISSN: 2176-2988). n. 66, jan. / jun. 2015, p. 31 – 44.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 6º ano. Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 7º ano. 1ª edição – Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 8º ano. Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 9º ano. Brasília: CONEF, 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, Joseilda; PESSOA, Cristiane. Educação Financeira na Educação Infantil: análise das atividades do caderno do educador. **Anais do 5º Seminário de Pesquisa em Educação Financeira Escolar e Educação Matemática**, Juiz de Fora: UFJF, 2019.

MONTEIRO, Sara Mourão. Atividade didática, **Glossário Ceale**, 2010. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/atividade-didatica>

MUNIZ, Ivail; JURKIEWICZ, Samuel. Tomada de decisão e trocas intertemporais: uma contribuição para a construção de ambientes de educação financeira escolar nas aulas de matemática. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**. v. 6, n. 3, set/dez 2016.

OECD. **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies.** Disponível em: [https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/improving-financial-literacy\\_fmt-v2005-art11-en](https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/improving-financial-literacy_fmt-v2005-art11-en) . Acesso em: 25 mar. 2020.

OECD. PISA 2012 – **Assessment and Analytical Framework.** Paris: OECD, 2013. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/pisa-for-development/PISA-D-Assessment-and-Analytical-Framework-Ebook.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

OLIVEIRA, A. Educação Financeira: como está sendo abordada nos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental? **Anais do XX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática - XX EBRAPEM,** Curitiba, 2016.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: Caderno de Matemática e Ciências.** Recife, 2019.

PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: o que tem sido produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? In: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAÚJO, F. (orgs.). **Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidades e possibilidades.** 2016. Disponível em: [http://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/ppged/arquivos/files/TRABALHOS%20ENCOMENDADOS\\_E-BOOK.pdf](http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/ppged/arquivos/files/TRABALHOS%20ENCOMENDADOS_E-BOOK.pdf)

SANTOS, Laís Thalita. **Educação financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental: Quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, UFPE, Recife, 2017.

SARAIVA, Karla Schuck. Os Sujeitos Endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista,** Curitiba, n. 66, p. 157-173, out./dez. 2017.

SILVA, Amarildo; POWELL, Arthur. Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. **Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática - XI ENEM,** Curitiba, 2013.

SILVA, Fabiana Gomes; PESSOA, Cristiane; SANTOS, Laís Thalita. **Educação Financeira: um estudo dos livros dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental no âmbito da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).** Trabalho de Conclusão de Curso. UFPE, 2018.

SILVA, Ingrid Teixeira. **Programa de Educação Financeira nas Escolas - Ensino Médio: Uma análise dos materiais propostos e sua relação com a matemática.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – UFPE, Recife, 2017.

SKOVSMOSE, Ole. O cenário para investigação. **BOLEMA,** Rio Claro, v. 14, n. 14, p. 66-91, dez. 2000.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

VIEIRA, Glauciane; OLIVEIRA, Marilene; PESSOA, Cristiane. **Educação financeira: conteúdos, áreas do conhecimento e orientações ao professor no material do MEC para os anos iniciais**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPE, Recife, 2017.

VIEIRA, Glauciane; OLIVEIRA, Marilene; PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: análise do material do MEC para os anos iniciais. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 6, p. 1-20, 2019.

*Recebido em 19 de setembro de 2020  
Aprovado em 25 de março de 2021.*